

## Veja o que espera Sarney no Suriname

O país que o presidente Sarney visitará após sua viagem ao Japão, o Suriname, teve sua situação política comparada ontem por um diplomata a uma "calmaria que se encontra no olho do furacão". Segundo essa fonte, a tranquilidade que se nota nas ruas da capital, Paramaribo, é apenas aparente.

Há pouco tempo, a guerrilha liderada pelo ex-cabo Ronny Brunswijck realizou ataques a 20 quilômetros da capital. Desde então aumentou o número de soldados em redor do Forte Zelândia, sede do governo, e ao anoitecer as ruas próximas do Palácio são fechadas ao tráfego de veículos.

Uma outra fonte de preocupação para o governo — apoiado pelo governo brasileiro desde 83, quando o general Danilo Venturini, à frente do Conselho de Segurança Nacional, agiu rapidamente para impedir uma intervenção dos Estados Unidos no país — é a promessa dos guerrilheiros de oposição de que quebrarão o cessar-fogo, que já dura alguns meses, no dia da visita do presidente Sarney.

No último dia 12, um <sup>Viagem</sup>avião cargueiro DC-3 que transportava clandestinamente um lote de armas leves destinado à guerrilha opositora, foi obrigado a pousar no aeroporto de Caiena, capital da Guiana Francesa, país vizinho ao Suriname. A França apóia veladamente a guerrilha e, talvez por isso, a carga nem chegou a ser vistoriada, apesar de vários funcionários do aeroporto terem notado a bordo as embalagens características de material militar.

Ontem, o ajudante de ordens do Gabinete do presidente Ransewak Shankar, capitão Pieter Hauer, disse ao repórter Roberto Godoy da Agência Estado, em caráter oficial, que as autoridades surinamesas averiguaram que o DC-3 pertence a uma empresa especializada em fretamentos "com estreitas e conhecidas ligações junto aos grupos de 'Contras' que tentam a desestabilização do regime sandinista na Nicarágua".

O governo do Suriname teme que o material transportado pelo velho aparelho

seja utilizado pelos rebeldes na ofensiva prometida para o dia 2 de março, data da visita do presidente Sarney ao país vizinho. É que o Brasil é o fornecedor de armamentos, fardas e munições para os 1.400 soldados do exército regular daquele país, o que a guerrilha opositora não vê com bons olhos.

O Suriname tem uma população de 340 mil habitantes e faz fronteira com o Brasil (Estados de Pará e Amapá), Guiana e Guiana Francesa. Na época em que os Estados Unidos estavam prestes a intervirem e quando o governo brasileiro decidiu intervir, foram expulsos de lá 105 assessores cubanos e o então presidente Desi Bouterse — tido atualmente como o verdadeiro dono do poder do Suriname — recebeu uma ajuda em créditos da ordem de US\$ 20 milhões para comprar alimentos e outros bens, mas preferiu gastar com material militar (blindados Cascavel e Urutu, da Engesa; fuzis Fal, da Imbel; botas da Vulcabrás e fardas da Alpargatas).

24 FEV 1989

JORNAL DA TARDE